





ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E GESTÃO
DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO GOVERNAMENTAL

ESTUDOS DEPLAN

Nº 02/2010

Apontamentos para uma agenda de desenvolvimento
da economia gaúcha



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

GOVERNADORA
YEDA RORATO CRUSIUS

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E GESTÃO

SECRETÁRIO: José Alfredo Pezzi Parode

SECRETÁRIO ADJUNTO: Alexandre Alves Porsse

DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO GOVERNAMENTAL

DIRETORA: Rejane Maria Alievi

DIRETORA ADJUNTA: Carla Giane Soares da Cunha

EQUIPE EDITORIAL

Antonio Paulo Cargnin

Laurie Fofonka Cunha

Maria Lúcia Leitão de Carvalho

Rubens Soares de Lima

Suzana Beatriz de Oliveira

EQUIPE TÉCNICA

REVISÃO: Maria Lúcia Leitão de Carvalho, Marlise Margô Henrich, Vera Helena da Fonseca

DIAGRAMAÇÃO: Irmgard Penz

CAPA

Marco Antonio Spassal Penha

As opiniões nesta publicação são de exclusiva responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o posicionamento da SEPLAG.

É permitida a reprodução dos artigos publicados pela revista, desde que citada a fonte. São proibidas as reproduções para fins comerciais.

Toda correspondência para esta publicação deverá ser endereçada para:

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E GESTÃO – SEPLAG / DEPLAN

Revista **Estudos DEPLAN**

AV. Borges de Medeiros, 1501 / 9º andar – Porto Alegre, RS – CEP 90119-900

Fone: (51) 3288-1543 – FAX: (51) 3288-1546 Email: deplan@seplag.rs.gov.br

Homepage: www.seplag.rs.gov.br

O SETOR DE SERVIÇOS: NOVAS CARACTERÍSTICAS E JANELAS DE OPORTUNIDADES

Suzana Beatriz de Oliveira*

1 Desenvolvimento do setor de serviços

O setor de Serviços é o que mais tem crescido na economia, nas últimas décadas. Sua importância no valor agregado, assim como na geração de emprego, é cada vez maior. Pode-se creditar esse fenômeno aos efeitos da globalização em alguns dos seus segmentos, o que, influenciado pelos avanços tecnológicos, modificou as relações comerciais entre os países e tornou o setor de Serviços mais integrado com os outros setores. Apesar disso, esse setor é analisado de maneira insuficiente e carece de dados mais consistentes e disponíveis.

Conforme destaca Kubota (2010),

“o setor de Serviços costumava ser negligenciado pelos pesquisadores. Primeiramente, em função da dificuldade de obter dados sobre o setor. Em segundo, pela dificuldade de identificação e observação de suas ramificações, pelo fato de seus produtos serem intangíveis.”

A necessidade de aprofundar os estudos sobre esse setor é imperativa, principalmente se levarmos em consideração o seu valor nas transformações econômicas recentes.

O incremento na participação dos serviços é influenciado, basicamente, pelo papel que os seus segmentos têm desempenhado na geração de empregos e pelo grande número de empresas. Esse fenômeno teve início na segunda metade do século XX, nos países desenvolvidos e, a partir da década de 90, nas economias latino-americanas, especialmente no Brasil e no México¹. Com a abertura econômica dos anos 90, as empresas precisavam tornar-se mais competitivas, razão pela qual os empreendimentos ligados aos serviços de transporte, logística, consultoria, manutenção e equipamentos cresceram significativamente.

Por outro lado, se comparados à indústria, os serviços apresentam relativa vulnerabilidade, causada principalmente pela baixa produtividade e baixo valor adicionado. Além disso, oferecem salários menores e empregam mão de obra menos qualificada.

A Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) realizou alguns estudos sobre o desenvolvimento do Continente, e estes apontaram o avanço das atividades terciárias, nas últimas décadas, como um dos fenômenos mais visíveis das transformações ocorridas nas economias latino-americanas. Segundo Pinto (1984), citado por Alonso et al. (2009), os dois fenômenos que operam integrados no desenvolvimento latino-americano são a metropolização desmedida e a terceirização espúria, denominadas por ele de “anomalias”².

2 Características dos serviços e seus segmentos

Dada a sua complexidade, é muito difícil classificar o setor de Serviços. O estudo elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que investiga a estrutura e dinâmica de serviços no Brasil indica que

“existem diversas tipologias distintas para a classificação dos vários setores de serviços, notadamente caracterizados por sua grande heterogeneidade. A maior parte dos países utiliza em suas estatísticas a *International Standard Industrial Classification* (ISIC), formulada por um grupo

* Geógrafa e Técnica-Científica - SEPLAG/RS

¹ Em 1970, o emprego terciário representava 37,8% do emprego total no Brasil, tendo passado para 54,2% em 1980 (Censos Demográficos 1970 e 1980). Um cálculo rápido entre esses dois pontos no tempo indica que o Brasil ultrapassou a casa dos 50% em 1978. O Censo Demográfico 2000 revela que, nesse caso, o emprego terciário havia alcançado 60,37% (ALONSO et al., 2009).

² Essas “anomalias” seriam expressões de uma má formação estrutural das economias do Continente, cuja origem está na distribuição desigual dos meios de produção e modo de acumulação do urbano, compatível com a expansão capitalista.

de especialistas reunidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) para tal fim. Esta classificação categoriza os serviços em distributivos, sem fins lucrativos, às empresas e ao consumidor.” (DE NEGRI et al., 2006)

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³, através da Pesquisa Anual de Serviços, cujo âmbito é restrito às empresas com fins lucrativos, classifica os Serviços em: serviços prestados às famílias; serviços de informação e comunicação; serviços profissionais, administrativos e complementares; transportes, serviços auxiliares dos transportes e correio; atividades imobiliárias; serviços de manutenção e reparação; e outras atividades de serviços.

Os serviços profissionais especializados estão, cada vez mais, sendo demandados fora do local da indústria. Assim, os Serviços, além de usufruírem das novas tecnologias, atuam como transmissores das mesmas. Consequentemente, essas novas tecnologias geram mais uma série de novos serviços, os quais abrangem aqueles intermediários, conceituados como serviços empresariais intensivos em conhecimento, os chamados KIBS⁴. Tem-se como exemplo atividades de informática, telecomunicações e serviços prestados a empresas, tais como: serviços de advocacia, contabilidade e auditoria, pesquisa de mercado, gestão de participação acionária, arquitetura, produtos e publicidade e assessoria em gestão. Esse é um conceito diferente dos serviços intensivos em tecnologia, na medida em que exige muito conhecimento, mas necessariamente não precisa de muita tecnologia.

Uma das características do setor de Serviços, resultante do processo de concentração da atividade industrial, é a sua concentração espacial, a qual se dá principalmente em torno dos grandes centros urbanos.

“A concentração regional é ainda maior no setor de Serviços que na indústria. Dezenove regiões metropolitanas brasileiras, sendo 17 delas de capitais de seus Estados, respondem por 81% tanto do valor agregado do setor de Serviços quanto da massa salarial. Os 134 municípios responsáveis por 90% da massa salarial do setor de Serviços possuem base industrial significativamente menor: apenas 65% do Valor da Transformação Industrial (VTI), 62% da renda nacional e 42% da população. Isso significa que, dentre os setores de atividade, os serviços são de fato os mais concentrados espacialmente. Realmente, a polarização metropolitana das empresas de serviços ocorre em todos os estados e, mais especificamente, em suas respectivas capitais administrativas.” (DE NEGRI et al., 2006)

Esse fenômeno é natural, visto que a indústria e os serviços estão muito ligados. Os serviços empresariais se localizam onde há demanda para eles. A cidade de São Paulo, por exemplo, tende a atrair esse tipo de atividade, tanto do seu próprio Estado como do Brasil.

Outro fator a considerar é a questão da escala. Se um hospital, por exemplo, localizado em uma cidade pequena, adquirir um aparelho médico sofisticado, o tempo necessário para recuperar o investimento aplicado no equipamento será mais longo do que em um grande centro urbano, onde o número de exames será maior. Então a tendência é que as pessoas se desloquem dos seus lugares para onde os serviços estão localizados (KUBOTA, 2010).

3 O setor de serviços no Brasil, Rio Grande do Sul e Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA)

A exemplo do que acontece em outros países, o desenvolvimento do setor de Serviços no Brasil também apresenta forte crescimento. Em 2008, segundo o IBGE, a participação desse setor corresponde a 65% do PIB brasileiro e, ao longo das últimas décadas, constituiu-se na atividade econômica que mais contribuiu para a geração de postos de trabalho no País, principalmente no emprego urbano.

Tabela 1 - Representatividade dos setores no Brasil, 1999/2007

Setor	Nº de empresas %		Pessoal ocupado (PO) A %		Receita Líquida C %		Receita líquida por PO (R\$ 1000) C/A	
	1999	2007	1999	2007	1999	2007	1999	2007
Indústria	6,50	5,90	32,70	29,80	45,70	45,00	96.233	207.276

³ O IBGE adota, para o Brasil, a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), baseada na metodologia de classificação do setor de serviços definida pela *International Standard Industrial Classification* (ISIC).

⁴ *Knowledge Intensive Business Services* (KIBS) no original em inglês.

Comércio	57,50	57,80	32,80	34,50	37,30	37,60	78.110	149.975
Serviços	36,00	36,30	34,50	35,70	17,00	17,30	33.733	66.704

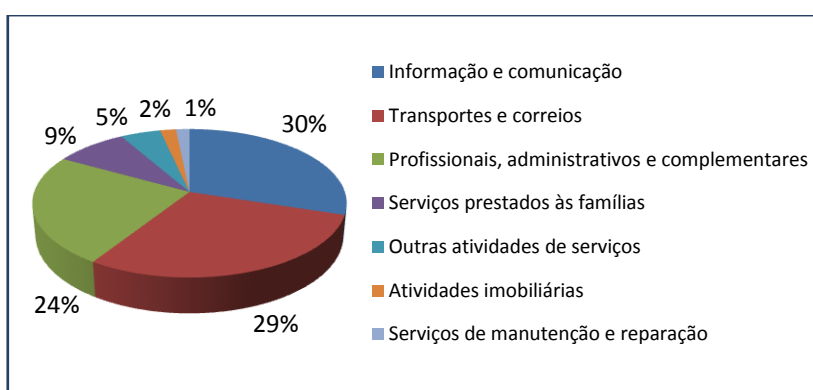
Obs: Serviços mercantis não financeiros

Fonte: PAS,PIA e PAC (IBGE) – 2007/1999 - Elaboração: IPEA

Na Tabela 1, verifica-se que o setor de Serviços aumentou a sua participação, entre os anos de 1999 e 2007, relativamente à Indústria e ao Comércio, no que se refere ao número de empresas, pessoal ocupado e receita líquida. No entanto, no que toca à receita líquida por pessoa ocupada, os serviços cresceram mais do que o comércio, mas menos do que a indústria.

Considerando-se a Receita Operacional Líquida das grandes áreas dos Serviços no Brasil em 2008 (Gráfico 1), observa-se que as atividades dos serviços de informação e comunicação são responsáveis por 30% do total, e o setor de transportes, serviços auxiliares de transportes e correio, por 29%. A receita desses dois segmentos, somada à dos serviços profissionais, administrativos e complementares, representou 83% da Receita Operacional Líquida em 2008, registrando uma movimentação de R\$565,3 bilhões.

Gráfico 2 - Receita operacional líquida das grandes áreas dos serviços no Brasil - 2008



Fonte: Pesquisa Anual de Serviços/IBGE

No que respeita ao Rio Grande do Sul, pode-se constatar que, nos últimos anos, a exemplo do que ocorre no Brasil, a economia gaúcha vem sendo capitaneada pelo setor de Serviços. No período de 1995 a 2008, a participação deste no Valor Adicionado Bruto (VAB) do Estado oscilou entre valores próximos a 60%, conforme dados da FEE/IBGE.

Em trabalho sobre Mudanças Estruturais e Mobilidade Espacial dos Serviços na RMPA: 1995-2005, Alonso (2009), ao assinalar que o desenvolvimento do capitalismo tem evidenciado uma expansão acelerada das atividades terciárias, ressalta que as aglomerações metropolitanas constituem o lócus preferencial para o desenvolvimento dos serviços em geral. Contemporaneamente, o fenômeno metropolitano é constituído, basicamente, pelo complexo de serviços. No Rio Grande do Sul, a metade da oferta dos serviços é realizada na RMPA. Esse complexo de serviços vem sofrendo transformações na sua composição econômica, demográfica e territorial como decorrência das suas necessidades intrínsecas e também como resposta aos efeitos da reestruturação produtiva. Esses movimentos resultaram em um crescimento acelerado dos serviços profissionais e de negócios demandados predominantemente pelo setor industrial da RMPA e regiões circunvizinhas. Outros efeitos relevantes são as mudanças territoriais na localização de determinados serviços, o que resultou na emergência de novos centros de serviços.

A Tabela 2, a seguir, ilustra essa situação. A maioria das atividades industriais e de serviços do Estado se concentra na Região Metropolitana. A participação relativa de seus serviços no total do Valor Adicionado do setor no Rio Grande do Sul, em 2005, corresponde a 49,1%.

Tabela 2 - Participação relativa do VAB da indústria e dos serviços da RMPA de Porto Alegre no total do VAB da indústria e dos serviços do RS, 1999-2005

Anos	Série anterior	Série nova ¹
------	----------------	-------------------------

	Indústria	Serviços	Indústria	Serviços
1999	49,5	46,0	—	—
2000	52,3	46,2	—	—
2001	51,6	45,7	—	—
2002	50,5	46,5	49,8	48,9
2003	49,8	45,3	48,7	47,4
2004	49,4	45,0	48,4	47,9
2005	—	—	50,2	49,1

Fonte: IBGE/FEE

¹ A nova série foi calculada a partir da revisão da metodologia, revisão dos agregados e incorporação de novas séries de informações.

O Rio Grande do Sul, ainda segundo Alonso (2009), apresenta algumas regiões que não são metropolitanas, mas que têm um papel relevante na área de Serviços. São elas: a aglomeração do Nordeste, em torno da cidade de Caxias do Sul; a aglomeração do Sul, composto basicamente por Pelotas e Rio Grande; a aglomeração do Litoral Norte; a cidade de Santa Maria e seus arredores; e, por fim, Passo Fundo e arredores. Essas áreas representam 77% da oferta de serviços e nelas vivem 73% da população urbana, além de concentrarem 83% da produção industrial do Estado.

4 Janelas de oportunidades

Considerando o crescimento do setor de Serviços nesses últimos anos, é pertinente vislumbrar nesse cenário “janelas de oportunidades” identificadas para o Rio Grande do Sul⁵.

O Estado pode contribuir de alguma forma, principalmente, no fortalecimento da formação de mão de obra especializada. Destacam-se aí as atividades de informática (desenvolvimento de *software*), telecomunicações (aplicativos para mobilidade, *smartphones* e TV Digital) e serviços prestados a empresas.

A formação de pessoal para atuar na área de Tecnologia da Informação (TI), juntamente com o estudo da língua inglesa, constitui-se em uma política pública fundamental para os próximos anos.

Outra importante área já consolidada no Rio Grande do Sul é a da saúde. Porto Alegre, mais fortemente, seguido de Passo Fundo e Santa Maria, já atuam como importantes polos em atendimento e desenvolvimento de pesquisas.⁶ Países como o Brasil representam um mercado potencial nesse setor. O Estado poderia criar incentivos à formação e ao desenvolvimento de uma cadeia produtiva ou até mesmo um Arranjo Produtivo Local (APL) na área de instrumentos, equipamentos médicos e aparelhos hospitalares.

Ressalta-se que os bens e serviços produzidos pelo setor de tecnologia, embora o segmento se caracterize por empresas de pequeno porte em termos de pessoal ocupado, apresentam um alto nível de valor agregado, resultando em um patamar mais elevado de remuneração, o que produziria um impacto positivo sobre o rendimento da população.

⁵ Essas “janelas de oportunidades” foram identificadas durante o evento *Workshops Setoriais - Perspectivas para a expansão do setor de serviços no Brasil e no Rio Grande do Sul*, realizado na Secretaria de Planejamento e Gestão - RS, em 06/08/2010.

⁶ Recentemente foi divulgado pela mídia um projeto chamado *Porto Alegre: Cidade Saúde* envolvendo a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), que tem como objetivo marcar Porto Alegre como uma cidade-polo de excelência em cursos de pós-graduação na área da saúde e em pesquisa especializada.

REFERÊNCIAS

ALONSO, José A. F.; MAMMARELLA, Roseta e BARCELLOS, Tanya M. (Org.). **Território, economia e sociedade:** transformações na Região Metropolitana de Porto Alegre. Porto Alegre, FEE, 2009. P. 15-51.

ALONSO, José A. F. O papel das atividades terciárias no desenvolvimento econômico. In: **Território, economia e sociedade:** transformações na Região Metropolitana de Porto Alegre. Porto Alegre, FEE, 2009. P.15-51.

_____. Mudanças Estruturais e Mobilidade Espacial dos Serviços na RMPA: 1995-2005. In: **Território, economia e sociedade:** transformações na Região Metropolitana de Porto Alegre. Porto Alegre, FEE, 2009. P.15-51.

DE NEGRI, João A.; KUBOTA, Luis C. e SILVA, Alexandre M. Estrutura e Dinâmica do Setor de Serviços no Brasil. In: **Estrutura e dinâmica do setor de Serviços no Brasil**, Brasília, IPEA, 2006. P.15-34.

KUBOTA, Luis C. Perspectivas para a expansão do setor de serviços no Brasil e no Rio Grande do Sul. In: **WORKSHOPS SETORIAIS**, Porto Alegre, Secretaria do Planejamento e Gestão, agosto de 2010.